

THOMAS MEEHAN

OBRA DE REFERÊNCIA  
Leitura  
recomendada  
7.º ano

# ANNIE

A HISTÓRIA INESQUECÍVEL DA PEQUENA ORFÃ.

Tradução de  
Tiago Marques



*Este livro é para os meus filhos, Kate e Joe,  
agora já crescidos,  
assim como para duas meninas,  
Emma Van Brocklin e Sasha Berman*

# Introdução

**O** riginalmente, há muitos e muitos anos, em 1924, a Annie veio ao mundo como a heroína de 11 anos de uma história de banda desenhada chamada *Annie, a Pequena Órfã*. Criada por um cartoonista e escritor do Indiana, chamado Harold Gray, *Annie, a Pequena Órfã* tornou-se extremamente popular entre os leitores americanos de banda desenhada, e já era publicada há 48 anos nas páginas de jornais por todos os Estados Unidos quando os nossos caminhos se cruzaram, em 1972, provavelmente muito antes de quem me estiver a ler ter sequer nascido ou pensado em nascer.

Os nossos caminhos cruzaram-se quando um amigo meu, o Martin Charnin, encenador e escritor de canções para musicais da Broadway, me pediu para colaborar com ele na transformação de *Annie, a Pequena Órfã* num musical para o qual ele escreveria canções e eu escreveria o livro, enquanto outro amigo dele, o Charles Strouse, um compositor da Broadway vencedor de um prémio Tony, ficaria encarregado da música. Naquela altura, eu escrevia artigos e contos humorísticos para uma série de revistas, especialmente

para a *The New Yorker*, mas, embora sempre tivesse tido uma espécie de paixão pelos palcos, nunca escrevera nada para teatro. Por isso, estava simultaneamente entusiasmado e um pouco ansioso quanto à perspectiva de escrever o livro de um musical a que, de imediato, decidimos simplesmente chamar *Annie*, em vez de *Annie, a Pequena Órfã*.

Talvez deva explicar que o livro de um musical, também conhecido como «libreto», não é um livro como aqueles que estão prestes a ler, de todo. Na verdade, é o guião de uma peça — ou seja, toda a história de um musical, contada através de diálogos, escrita com espaços em branco nas cenas onde, mais tarde, serão introduzidas canções e/ou momentos de dança, tal como se adicionam passas a um pão de passas. Depois de aceitar escrever o livro de *Annie*, a primeira coisa que fiz foi dirigir-me aos arquivos do *New York Daily News*, um jornal com sede em East Forty-Second Street que publicava *Annie, a Pequena Órfã* desde o início, e passei várias horas, durante vários dias consecutivos, a ler os 48 anos — a preto e branco na versão diária e a cores aos domingos — da história de banda desenhada. E sabem que mais? Em todos aqueles anos de *Annie, a Pequena Órfã*, não consegui encontrar uma história central coerente que pudesse ser a base de um musical da Broadway. Algo desencorajado, fui ter com os meus parceiros, o Martin e o Charles, e disse-lhes que só podia aproveitar três personagens para criar o musical: a rapariga mais pobre do mundo, o homem mais rico do mundo e um cão chamado *Sandy*. Em suma, disse-lhes que teria de inventar a minha própria versão da história. E foi o que fiz.

Primeiro, decidi que a história deveria passar-se em Nova Iorque (o que não acontecia na banda desenhada), pois era a cidade que nós os três, nova-iorquinos, conhecíamos melhor. Em 1972, quando comecei a escrever *Annie*, Richard Nixon era presidente, o país estava envolvido na impopular Guerra do Vietname, e havia nos Estados Unidos o sentimento predominante de que o governo federal não estava muito interessado no bem-estar do povo americano. Assim, com esse estado da nação em 1972 em mente, decidi situar *Annie* no passado, noutra período de crise nacional profunda: a Grande Depressão, no ano de 1933, quando Franklin D. Roosevelt se tornou presidente. Até tive a ideia de fazer de Roosevelt uma personagem do musical.

Já tinha decidido um espaço e um tempo para o espetáculo, mas qual seria a história? Um dos meus escritores preferidos sempre fora Charles Dickens, brilhante autor inglês oitocentista de romances tão conhecidos como *Oliver Twist*, *David Copperfield*, *Grandes Esperanças* e *Um Conto de Natal*, para só mencionar alguns dos seus livros tão interessantes e emocionantes. Então apercebi-me de que a Annie, uma órfã pobre tratada de forma cruel, era como uma versão americana no século xx de uma personagem de Dickens e eu podia escrever uma espécie de livro *dickensiano* para o musical. Dickens era, acima de tudo, um magnífico contador de histórias, e reparei que praticamente todos os seus romances começavam com um mistério que acabava por ser resolvido nas últimas páginas do livro. Que mistério criaria eu? Um bebé de dois meses abandonado, Annie, é deixado à porta de um orfanato com um medalhão de prata partido

à volta do pescoço e um bilhete não assinado preso à maninha, que dizia: «Por favor, cuidem bem da nossa querida bebé. Ela chama-se Annie e amamo-la muito. Nasceu no dia 28 de outubro. Não havemos de tardar a vir buscá-la. Deixámos metade de um medalhão no pescoço dela e ficámos com a outra metade para que, quando viermos buscá-la, saibam que somos os pais dela». Este é o mistério com que começa *Annie*. Quem a deixou no orfanato? Terão sido a mãe e o pai, como a Annie cresceu a acreditar? Mas quando irão buscá-la? Estarão eles, como pergunta a Annie numa canção na primeira cena do musical, «muito perto ou muito longe»? Quando encontramos a Annie pela primeira vez no espetáculo, passaram-se 11 anos desde que tinha sido deixada no orfanato. Decidindo que os pais afinal nunca a irão buscar, ela foge para tentar encontrá-los sozinha. A busca da Annie pelos pais desaparecidos e o derradeiro desvendar do mistério constituem a base narrativa tanto do livro que escrevi para o musical quanto da sua encarnação posterior, a história que estão prestes a ler.

Quando concluí a primeira versão do livro para o musical e a mostrei ao Martin e ao Charles, fiquei felicíssimo com a satisfação geral de ambos. Contudo, os dois sentiam que havia um grande problema: o texto era demasiado longo e resultaria num musical de cerca de três horas e meia, enquanto a duração ideal de um espetáculo da Broadway costuma ser de pouco mais de duas horas. Então, pus-me a cortar cena atrás de cena de *Annie*, até chegar a uma dimensão adequada. Alegra-me dizer que, quando o espetáculo estreou na Broadway, na primavera de 1977, foi um enorme sucesso,

ganhando um prêmio Tony de Melhor Musical do Ano, além de mais outros seis Tonys, inclusive um para mim, de Melhor Libreto de Musical. E, desde 1977, *Annie* tem sido produzido não só por todos os Estados Unidos, mas também no resto do mundo. No entanto, nunca deixei de sentir falta das várias cenas que tivera de eliminar na primeira versão do musical, até que um dia me surpreendi a mim mesmo: «Eureka! Já sei o que fazer!». Se Dickens podia escrever uma história sobre um órfão como o *Oliver Twist*, eu também podia escrever uma história sobre uma órfã como a Annie, e incluir nela a versão narrativa de todas as cenas que tinha sido forçado a eliminar do musical. Pela primeira vez, a história da Annie tal como a imaginei há tantos anos seria finalmente contada na íntegra! Se já viram o musical ou uma das versões cinematográficas feitas a partir do espetáculo, ainda há muitas coisas que não sabiam sobre a Annie. Até agora, momento em que se preparam para ler o primeiro capítulo. Espero que gostem tanto de ler este livro quanto eu gostei de o escrever. Começemos!

*Thomas Meehan*  
27 de maio de 2013

# Capítulo 1

**H**á muito tempo. Nas primeiras horas, ainda escuras e tranquilas, da manhã de 1 de janeiro de 1933. Caía uma ligeira neve sobre as ruas frias e desertas da baixa de Nova Iorque. O tempo passava lentamente, até o sossego invernal ser interrompido pelo soar dos sinos, que anunciavam as 4 horas da manhã no campanário da igreja de St. Mark's-in-the-Bowery.

A dois quarteirões da igreja, na praça de St. Mark's, no dormitório do segundo andar do Orfanato Municipal da Cidade de Nova Iorque, Secção Feminina, uma rapariga de 11 anos estava sozinha junto à janela gelada. Tremendo na sua leve camisa de noite de algodão branco, ela ouvia o soar dos sinos e observava a neve cair à luz de um poste de iluminação. De vez em quando, olhava ansiosamente para um dos lados da rua; a seguir, olhava para o outro. Estava à espera de que alguém fosse buscá-la. De que a tirassem daquele orfanato. Mas ninguém aparecia. Magra, um pouco baixa para a idade, a rapariga tinha um nariz ligeiramente arrebicado e o seu cabelo curto era ruivo e rebelde. Mas a sua característica mais marcante eram os olhos azul-acinzentados cintilantes,

que estranhamente pareciam refletir, em simultâneo, uma profunda tristeza, uma alegria irreprimível e uma inteligência aguçada. O seu nome era Annie.

No dormitório frio e repleto de correntes de ar, as outras raparigas — eram 17 — já dormiam há muito, resmungando e por vezes gritando nos sonhos, enquanto se reviravam incansavelmente nas camas estreitas, cobertas por mantas militares desconfortáveis e sem graça. Mas Annie estivera toda a noite acordada. Horas antes, quando tentava adormecer, ouvira o barulho vindo da rua provocado pelos festejos da passagem de ano: gritos, bêbedos a cantar, buzinas e cornetas estridentes. No entanto, já muito depois da meia-noite, quando tudo voltara a ficar calmo na praça de St. Mark's e a neve começara a cair, Annie ainda não fora capaz de adormecer. Até que, por fim, acabara por se levantar e dirigir à janela, para fazer uma vigília silenciosa da noite nevada, para esperar.

Tanto quanto se conseguia lembrar, Annie nunca fora capaz de dormir na passagem de ano. Porque o Ano Novo marcava o aniversário daquela noite de há 11 anos, quando fora deixada, ainda com dois meses, num cesto de verga castanho nos degraus à porta do orfanato. Alguém tocara à campainha e a seguir desaparecera na noite. Annie fora embrulhada numa manta de lã rosa, já desbotada, e tinha ao pescoço metade de um medalhão de prata. À manta estava preso um bilhete anónimo. «Por favor, cuidem bem da nossa querida bebé», dizia. «Ela chama-se Annie e amamo-la muito. Nasceu no dia 28 de outubro. Não havemos de tardar a vir buscá-la. Deixámos metade de um medalhão ao

pescoço dela e ficámos com a outra metade para que, quando viermos buscá-la, saibam que somos os pais dela.»

Como fora deixada no orfanato na véspera de Ano Novo, Annie convencera-se de que a mãe e o pai haveriam de ir buscá-la noutra véspera de Ano Novo. Por isso, todos os anos, enquanto as outras crianças contavam os dias até ao Natal, Annie contava os dias até à véspera de Ano Novo. Mas, ano após ano, ficara dececionada. Os pais não tinham ido buscá-la. E agora parecia quase certo que também não iam aparecer naquele ano. Conforme começava a nevar com mais intensidade, Annie suspirou e esfregou os olhos para evitar chorar.

— Eles disseram que me amavam e que me vinham buscar. Está escrito no bilhete — murmurou Annie para si mesma no escuro. — Onde estarão eles? Porque não me vieram buscar?

Annie apertou a metade do medalhão de prata que tinha sempre ao pescoço, fosse dia ou noite, e comprimiu-o com força contra o peito.

— Mamã, mamã, mãezinha!

A órfã mais nova do orfanato, Molly, de 6 anos, acordara devido a um pesadelo e gritava pela mãe. Mas a mãe de Molly morrera dois anos antes, num acidente de viação, e o pai falecera no mesmo acidente. Assim, embora fosse uma criança extraordinariamente bonita, Molly era uma órfã que ninguém queria adotar. Uma órfã igual a todas as outras meninas do orfanato. Exceto Annie. Annie era diferente porque *ainda* tinha um pai e uma mãe. Algures.

— Mamã! Mãezinha! — gritou Molly novamente, despertando as raparigas nas camas à sua volta.

— Cala-te — lançou Pepper, que estava na cama ao lado.

— Sim, cala-te. Será que não se pode dormir neste sítio?  
— resmungou Duffy.

— Mamã! Mãezinha! — clamou Molly, mais uma vez.

— Já te disse para calares a boca, Molly — retorquiu Pepper, que saiu zangada da cama, pegou em Molly e a deitou ao chão. Com 14 anos, Pepper era, de todas as órfãs, a mais velha e a maior, uma brigona de nariz achatado, com o rosto cheio de sardas e um cabelo comprido e desgrenhado que era ainda mais ruivo do que o de Annie.

— Ah, deixa a pobre miúda em paz — disse July. — Ela não te fez mal nenhum.

A mais doce daquelas órfãs (mas não exatamente a mais bonita), July, que tinha 12 anos, recebera tal nome porque, simplesmente, fora deixada no orfanato, ainda bebé, no dia 4 de julho.

— Que eu saiba, ela não me está a deixar dormir — replicou Pepper.

— Não, *tu* é que não *nos* estás a deixar dormir — afirmou July.

— Queres resolver isto de outra forma? — perguntou Pepper, dirigindo-se à cama de July.

— Oh, cá está a pugilista do orfanato — disse July.

Dali a nada, ela e Pepper rolavam pelo chão numa luta com guinchos, murros e puxões de cabelo que acordou Tessie, de 8 anos, que dormia na extremidade oposta do dormitório.

— Oh, céus. Oh, céus, elas andam à bulha e eu não vou conseguir dormir o resto da noite — lamentou-se Tessie, uma

rapariga pálida e assustadiça, com tranças louras, um nariz fino e curvado e quase nenhum queixo. — Oh, céus. Oh, céus!

Annie estivera a observar a cena a partir da janela, em silêncio. Mas então avançou, para parar a luta entre Pepper e July.

— Vá, parem lá as duas com isso e voltem para a cama — ordenou Annie, afastando as duas raparigas em conflito.

— Ah, vai-te lixar, Annie — resmungou Pepper com má cara, enquanto cambaleava de volta para a cama.

Mas Pepper não tentou andar à bulha com Annie. Apesar de ser muito menor do que Pepper, Annie era considerada por todas as órfãs como a rapariga mais dura do orfanato. Até Pepper tinha medo dela. Também era considerada a mais esperta, além de representante de todas, especialmente nas infundáveis disputas com a diretora do orfanato, a senhora Agatha Hannigan.

— Foi a Pepper que começou, Annie — disse July. — Quando atirou a Molly para o chão.

— Eu sei — retorquiu Annie, dando palmadinhas no ombro de July. — Mas todas vocês têm de voltar a dormir.

— Está bem, Annie — concordou July, que voltou para a cama.

Entretanto, Annie foi confortar Molly, que ainda estava encolhida no chão. Depois de se ajoelhar ao lado da menina, Annie pegou nela ao colo.

— Está tudo bem, Molly, eu estou aqui — disse a rapariga, afagando docemente o cabelo comprido e negro de Molly.

— Era a minha mamã, Annie — explicou Molly, com as bochechas vermelhas banhadas em lágrimas. — Estávamos no *ferry* e ela segurava-me bem alto para ver todos os navios. Então ela afastou-se, a dizer adeus, e deixei de a ver. Desapareceu.

— Foi só um sonho, querida — disse Annie, secando os olhos de Molly com a manga da camisa de dormir. — Agora tens de voltar a adormecer. Passa das 4 horas da madrugada.

— Annie — pediu Molly —, lê-me o teu bilhete.

— Outra vez? — perguntou Annie.

— *Por favor.*

— Está bem, Molly — acedeu a rapariga, e foi ao cesto de vime já velho que se encontrava debaixo da sua cama (o mesmo cesto no qual fora deixada no orfanato e onde guardava os seus poucos bens) buscar o bilhete. Começou a lê-lo em voz alta à pouca luz oferecida pelo poste de iluminação lá fora na rua. Tinham sido tantas as vezes que o dobrara e desdobrara, que o bilhete já estava quase a desfazer-se. Era um cartão azul-pálido quadrado, com uma letra arredondada e feminina. — «Por favor, cuidem bem da nossa querida bebé» — começou Annie a ler. — «Ela chama-se...»

— Oh, não. Lá começa outra vez — queixou-se Pepper. Ao longo dos anos que passavam juntas no orfanato, Annie lia aquele bilhete às órfãs cerca de duas ou três vezes por semana.

— «Ela chama-se Annie» — disse Duffy num tom cantante de gozo. Uma adolescente de 13 anos atarracada, de cara gorda e cabelo louro desgrenhado, era a melhor amiga

de Pepper. — «Nasceu no dia 28 de outubro» — prosseguiu Duffy. — «Não havemos de tardar a vir buscá-la.»

Todas as órfãs desataram a rir-se da interpretação de Duffy. Quer dizer, todas menos Molly e Tessie.

— Oh, céus, agora estão a rir e eu não vou conseguir dormir mais — queixou-se Tessie. — Oh, céus. Oh, céus.

Annie levantou-se com um ar zangado, pôs as mãos nas ancas e enfrentou as raparigas divertidas.

— Muito bem — disse ela. — Querem dormir com os dentes dentro da boca ou fora dela?

Silêncio. Todas, incluindo Pepper, deitaram-se silenciosamente nas respetivas camas. Annie acabou de ler o bilhete e, dobrando-o com grande cuidado, voltou a guardá-lo no cesto. Pegou na Molly e transportou-a para a cama. Ajeitou as cobertas da menina e deu-lhe um delicado beijo na testa.

— Boa noite, Molly — sussurrou Annie.

— Boa noite, Annie — respondeu Molly. — És uma sortuda. Sonho com ter uma mãe e um pai. Mas tu tens mesmo pais.

— Eu sei — disse Annie, baixinho. — Algures. Algures.

Dentro de poucos minutos, Molly e as outras órfãs voltaram a adormecer. Mas Annie ainda não conseguia fazer o mesmo. Por isso, regressou à janela para observar a neve cair. Ali, começou a sonhar acordada com os pais. Talvez estivessem muito perto, pensou, ou talvez estivessem muito longe. O pai, ela tinha a certeza, era um homem grande e robusto que sorria e ria constantemente, e que haveria de a levantar, dar-lhe um abraço muito apertado e fazê-la girar no ar. Era advogado, ou talvez até médico, e ajudava pessoas

pobres. A mãe era uma mulher bondosa e amável, de cabelo dourado, que tocava piano e costurava melhor do que uma modista profissional. Já teria feito dúzias de vestidos lindíssimos para Annie. Os vestidos, de todas as cores do arco-íris, estavam pendurados num roupeiro, à espera do dia em que Annie regressasse a casa. Annie e os pais viviam no campo, numa casa coberta de hera situada numa colina. Havia um vasto relvado à frente da casa, e do alpendre viam-se pastos verdejantes a perder de vista e um rio distante e sinuoso. Nas tardes de verão, Annie, a mãe e o pai, os três juntos, atravessariam os campos até ao rio e fariam um piquenique de ovos picantes e limonada, enquanto ficariam a ver os cisnes deslizarem pela água. No seu quarto, Annie tinha uma cama de dossel, uma casinha de bonecas de três andares, um cavalinho de baloiço vermelho e branco, e...

Uma carroça de transporte de leite puxada a cavalo apareceu à esquina da praça de St. Mark's, fazendo Annie despertar, assustada, do seu devaneio. Lembrava-se desde sempre de ouvir o som daquela carroça de manhãzinha lá fora. Annie começou a pensar em todos os longos anos que passara no orfanato. E quase nenhuma das memórias que tinha daquele tempo era feliz.

## Capítulo 2

**A** mais antiga memória de Annie, de uma altura em que tinha talvez 2 ou 3 anos, era a da figura sombria da Srta. Hannigan a pairar ameaçadoramente sobre ela, enquanto brincava com uma boneca de trapos já velha no chão do dormitório.

— Levanta-te daí, sua orfãzinha miserável. Sujaste o vestido todo — guinchara a Srta. Hannigan, uma mulher magra, de rosto encovado e cabelo curto e negro. As órfãs tinham a impressão de que ela era uma bruxa especialmente feia e demasiado real.

A Srta. Hannigan obrigara Annie a levantar-se e dera-lhe uma dúzia de pancadas no rabo com uma pesada pá de madeira. Mas Annie não chorara. Mesmo quando era pequena, Annie nunca chorara quando a Srta. Hannigan lhe batera, uma demonstração de personalidade que deixava a mulher furiosa.

Como Annie se revelou logo a mais rebelde e inteligente daquelas raparigas, a Srta. Hannigan odiava-a mais do que a qualquer outra criança que tivera aos seus cuidados durante os 23 anos em que estivera à frente do orfanato.

— Ainda hei de vergar aquela fedelha — murmurava para si mesma a Srta. Hannigan, que dava constantemente tarefas suplementares à rapariga: tachos e caçarolas gordurosos para lavar na cozinha escaldante na cave do orfanato, janelas cheias de fuligem para limpar, chãos para esfregar de gatas. Mas Annie nunca desanimava e deixava a Srta. Hannigan ainda mais enraivecida ao aceitar cada nova tarefa com um sorriso nos lábios. Quanto pior era a tarefa, maior era o sorriso de Annie.

— Sabem, sou eu contra a Srta. Hannigan, como numa guerra — dizia Annie às outras órfãs. — E ela nunca me há de vencer, nunca.

À medida que os anos foram passando, Annie acostumou-se à rotina da vida no orfanato. Todas as manhãs, às 6 horas, um apito estridente despertava as órfãs adormecidas.

— Vamos lá, a levantar, a levantar. Vá, todas vocês, suas órfãs miseráveis! — gritava a Srta. Hannigan.

Depois de tomarem um duche frio, as raparigas vestiam roupas em segunda mão que o Exército de Salvação enviava duas vezes por ano em grandes trouxas. Depois de fazerem as camas e varrerem o dormitório, as órfãs eram levadas para o andar de baixo, para tomarem o pequeno-almoço no refeitório.

— Nada de conversetas! — ladrava a mulher.

Enquanto a Srta. Hannigan servia o pequeno-almoço, as raparigas permaneciam em silêncio, sentadas em desconfortáveis bancos de madeira, que acompanhavam uma longa mesa. Tanto quanto Annie conseguia recordar-se,

o pequeno-almoço no orfanato sempre fora o mesmo: um copo de leite magro azulado e uma tigela de papa quente. A papa, que era preparada pela própria Srta. Hannigan, tinha uma cor acinzentada e uma textura grumosa, e sabia a cola branca. Quando chegavam ao orfanato, muitas das raparigas ficavam enjoadas ao provar a papa da Srta. Hannigan e não conseguiam comer mais do que uma colherada. Mas, após algum tempo, acabavam por se acostumar. Porque ali o pequeno-almoço era aquela papa ou nada.

Depois do pequeno-almoço, o horário no orfanato variava consoante os dias de escola. Se tivessem aulas, a Srta. Hannigan fazia as órfãs marcharem até à E. P. 62, uma escola pública vitoriana de tijolos vermelhos e torreões, situada no cruzamento entre a praça de St. Mark's e a 3rd Avenue. As órfãs ficavam na escola até às 16 horas, altura em que a Srta. Hannigan ia buscá-las e as levava de volta ao orfanato. Se não fosse dia de escola, as órfãs tinham de descer imediatamente a seguir ao pequeno-almoço para a oficina que existia na cave, onde se sentavam em filas à frente de máquinas de costura para fazer vestidos infantis. Nos dias de trabalho, as órfãs cosiam durante oito horas, com 20 minutos de pausa para o almoço (outro copo de leite magro e uma sandes de presunto ou mortadela gordurosa). Ao final do dia, cada uma das raparigas tinha de ter concluído pelo menos um vestido, caso contrário, seriam castigadas com a pá de madeira da Srta. Hannigan. As peças que produziam — vestidos de festa pregueados de musselina e *chiffon*, sempre de cores vivas, como amarelo-canário ou magenta — contrastavam profundamente com as roupas

em segunda mão sem graça e remendadas que elas tinham de usar. A Srta. Hannigan fizera um negócio com um fabricante de roupa infantil em Brooklyn: ele fornecia as máquinas de costura e os tecidos e, em troca, comprava os vestidos já prontos a 50 cêntimos por unidade. Na maioria das semanas, a Srta. Hannigan podia lucrar até 30 dólares com o trabalho das raparigas. As órfãs não deviam trabalhar, obviamente, e se o diretor da Comissão de Órfãos da Cidade de Nova Iorque, o Sr. Joseph Donatelli, soubesse o que a Srta. Hannigan andava a fazer, rapidamente a teria demitido. Mas havia mais de 12 anos que ninguém da Comissão de Órfãos ia inspecionar a Secção Feminina na praça de St. Mark's. E a Srta. Hannigan justificava-se perante si mesma dizendo que estava a ensinar às órfãs um ofício de utilidade.

— Deviam estar gratas, suas fedelhas. Graças a mim, vão conseguir encontrar um trabalho quando crescerem e tiverem de sair daqui — dizia a Srta. Hannigan às órfãs, enquanto estas ficavam debruçadas horas a fio sobre as máquinas de costura, na oficina daquela cave húmida e fria.

A Srta. Hannigan gastava a maior parte do dinheiro que ganhava com a venda dos vestidos em garrafas de uísque contrabandeadas. Isto porque era alcoólica, e nunca deixava de estar ligeiramente bêbeda de manhã até à noite. Enquanto as órfãs estavam a trabalhar na cave ou a estudar na escola, a Srta. Hannigan passava o tempo no seu gabinete de pé-direito alto a bebericar uísque de centeio, a fumar cigarros *Lucky Strike* e a ouvir radionovelas como *Ma Perkins* e *The Romance of Helen Trent* no seu rádio de mesa *Philco*.

Todos os dias, às 18 horas, as órfãs dirigiam-se em fila ao refeitório para jantar, refeição que invariavelmente consistia em asas de frango cozidas, batatas cinzentas cozidas e alguma verdura empapada, como couves ou brócolos cozidos. Havia pão branco mole e margarina como acompanhamento, mas só se servia sobremesa em ocasiões especiais, como o Dia de Ação de Graças ou o Natal, quando cada órfã recebia uma tigela de arroz-doce pegajoso. A seguir ao jantar, as órfãs tinham de se dirigir ao dormitório para estudar um pouco até chegar a hora de dormir. Apagavam-se as luzes às 20 horas, e assim acabava mais um dia no orfanato.

O domingo era o único dia de descanso para as órfãs. Mas, de certa forma, esse era o pior dia para todas elas. Às 8 horas da manhã de todos os domingos, a Srta. Hannigan levava as raparigas a St. Mark's-in-the-Bowery, onde ficavam por mais de uma hora sentadas na igreja bafienta, a ouvir sermões intermináveis acerca do derradeiro destino de todos os pecadores: as chamas eternas do inferno. E, claro, tal como a Srta. Hannigan lhes explicara, as raparigas órfãs eram, por natureza, pecadoras. Caso contrário, por que motivo os pais as teriam abandonado? Atormentadas por confusos sentimentos de culpa, medo e aborrecimento, as órfãs saíam da igreja em cortejo de volta para o orfanato, onde a Srta. Hannigan as obrigava a passar o dia a rezar e a refletir acerca dos pecados que tinham cometido na semana que chegava ao fim.

— Lavem as vossas almas imundas com o remorso e implorem a Deus que vos perdoe os vossos inúmeros pecados!  
— lançava a Srta. Hannigan às órfãs aterradas.

Não podiam conversar. Não podiam ler. Só podiam ficar sentadas em silêncio, de cabeça baixa e mãos unidas, durante horas sem fim, à longa mesa do refeitório abafado. Ao pé da janela, enquanto observava agora a neve a cair, Annie pensava que houvera tardes de domingo naquele orfanato que pareciam nunca mais acabar.

Annie considerava os dias de escola melhores do que os dias que passava à máquina de costura. Mas não muito melhores. Ainda assim, na escola tinha a oportunidade de ler, que era o seu passatempo preferido. Todos os anos, Annie lia vorazmente uma grande quantidade de livros. Aqueles de que mais gostava, como a coleção *Five Little Peppers*, eram sobre crianças pobres, mas alegres, e famílias felizes. Também gostava de livros de aventuras cuja ação se situava em locais distantes e românticos, como as ilhas da Polinésia. Annie saía-se bem na escola: tinha boas notas em todas as disciplinas e era uma das melhores alunas da turma. Mas as órfãs, incluindo Annie, eram constantemente provocadas e ridicularizadas pelos colegas, não só por causa das suas roupas velhas, mas também porque não tinham pais ou casas. Enquanto eram acompanhadas pela Srta. Hannigan durante a ida para a escola ou o regresso para o orfanato, as órfãs eram troçadas pelas outras crianças, que as atormentavam com uns versos grosseiros que tinham inventado:

*Órfã, órfã: ai, ai, ai, ai,  
Não tens mãe, não tens pai,  
Órfã, órfã, ouve o que te digo:  
Pareces mesmo uma sem-abrigo.*

No inverno, as outras crianças faziam um jogo no qual venciam quem atingisse mais órfãs com bolas de neve. E a Srta. Hannigan não permitia que as raparigas saíssem da formação para se defender. Com os dentes cerrados e a olhar fixamente em frente, as órfãs caminhavam duas a duas pelo passeio lamacento, rodeadas por crianças cruéis que se riam delas e lhes atiravam bolas de neve.

Os professores da E. P. 62 também não eram nada bondosos com as órfãs. Em cada turma, elas tinham de ficar numa secção de secretárias à parte, ao fundo da sala, e eram tratadas pelos professores como um incómodo que não devia estar ali. Annie recordava-se de um dia ter ouvido a sua professora do 5.º ano, a Sra. Conklin, a falar com uma colega.

— Malditas órfãs, que nos atravancam as salas de aulas — queixara-se a Sra. Conklin. — Não fosse por elas, o nosso trabalho seria muito mais fácil.

À hora de almoço, como se tivessem uma doença terrível que as outras crianças pudessem apanhar, as órfãs eram postas num canto especial da cantina. Comiam pratos simples e pouco cuidados, como massa com queijo, que eram oferecidos aos alunos carentes pelo Conselho de Educação da Cidade de Nova Iorque, enquanto o resto das crianças, que levavam sempre o almoço em lancheiras de metal reluzente, comiam o que as mães lhes tinham preparado — coisas misteriosas e maravilhosas que as órfãs desesperadamente sonhavam provar, como sandes de manteiga de amendoim com geleia, bananas, bolos de chocolate e chocolate quente contido em garrafas térmicas.

Durante os intervalos de 30 minutos de manhã e à tarde, no pátio de recreio vedado nas traseiras da escola, as órfãs, que não eram convidadas a participar nas brincadeiras das outras crianças, juntavam-se para jogar sozinhas. E para se protegerem dos rufias do recreio, que de vez em quando decidiam que seria divertido bater numa das órfãs. As raparigas, lideradas por Annie e Pepper, formaram um grupo unido contra tais rufias.

— Se tocas numa de nós — dizia Annie, com um ar feroz —, todas nós caímos em cima de ti!

No orfanato, as órfãs costumavam andar à bulha umas com as outras, mas, na escola, não deixavam de estar lealmente unidas. E os rufias da E. P. 62 não tardaram a descobrir que não valia a pena enfrentar as órfãs, a menos que estivessem dispostos a ficar com dois olhos negros. Descobriram especialmente que não deviam desafiar Annie, que era capaz de pôr no lugar até o maior e mais forte dos rapazes com um só murro. Por isso, depois de algum tempo, as órfãs acabaram por ser deixadas em paz durante o recreio para brincarem à apanhada ou à macaca.

A seguir a Leitura, a disciplina preferida de Annie era Geografia. Adorava aprender coisas sobre partes do mundo completamente diferentes e o mais distantes possível da E. P. 62, do orfanato e da praça de St. Mark's. O país que ela mais gostava de estudar era a Suíça, com os seus lagos límpidos e cristalinos, campos verdejantes e montanhas enormes cobertas de neve. Muitas vezes fantasiava descobrir que os pais afinal viviam na Suíça e que dentro de pouco tempo ia viver com eles, para sempre, num chalé de montanha, como

uma menina chamada Heidi (sobre a qual lera num livro). Mas, enquanto pensava em geografia naquele instante junto à janela, Annie lembrou-se de algo que acontecera na escola no ano anterior, quando estava no 5.º ano. Era uma das memórias mais dolorosas de toda a sua vida.

**Annie, a pequena órfã de enorme coração,  
tem a capacidade incrível de superar os problemas  
e de ver sempre o lado positivo das coisas.**

Esta é a história de Annie, uma menina adorável, que foi abandonada num orfanato de Nova Iorque quando tinha somente alguns dias de vida.

Ao longo de 11 anos, Annie aguardou, cheia de esperança e otimismo, pelo regresso dos pais. Até que um dia, cansada dos maus-tratos e da exploração da maléfica diretora Hannigan, decide fugir e perseguir o seu sonho: encontrar os pais.

Sozinha numa Nova Iorque bastante afetada pela Grande Depressão, em 1933, a corajosa Annie vai deparar-se com situações extraordinárias, como o encontro com *Sandy*, o cachorro que se torna o seu melhor amigo, ou a súbita amizade com o milionário Oliver Warbucks, que vai mudar o rumo da sua vida.

**«Grandioso, caloroso e engraçado!»**

*New York Post*

**«Uma obra-prima da narrativa.»**

*Chicago Tribune*

A **Coleção Tesouros da Literatura**, da qual este livro faz parte, oferece uma cuidada seleção de obras fundamentais da Literatura Universal, muitas das quais são recomendadas pelas **Metas Curriculares de Português** e pelo **Plano Nacional de Leitura**.



 <p><b>20 20 editora</b></p>	<p>ISBN 978-989-707-567-4</p> <p><b>12+</b></p>  <p>9 789897 075674</p> <p>Literatura Juvenil</p>
---	--